



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

**DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO E PODER EM UMA NARRATIVA DISTÓPICA:
UMA LEITURA DE *O CONTO DA AIA*, DE MARGARET ATWOOD**

**DISCUSSIONS ABOUT GENDER AND POWER IN A DYSTOPIC NARRATIVE: A
READING OF THE HAND'S TALE, BY MARGARET ATWOOD**

Fernanda dos Passos Capparelli (UEG/POSLLI)¹

Lucas Silva Rodrigues (UEG/POSLLI)²

Resumo:

Por ser um tema que está em voga atualmente, a “distopia”, tal como evidenciada em uma das obras de Margaret Atwood — *O conto da aia* — está se popularizando cada vez mais. A autora aborda questões de poder e gênero, que são discussões frequentes na atualidade, mesmo que *O conto da aia* tenha tido sua estreia em 1985. Com isso, pretendemos agregar à nossa pesquisa os estudos de gênero, que serão, significativamente, necessários por tratarem de repressões às mulheres, as quais são explícitas na narrativa e serão abordadas com autoras como: Lola Aronovich (2019) e Djamila Ribeiro (2018), entre outras. Ademais, abordaremos as relações de poder, utilizando o conceito de panoptismo, um conceito levantado por Michel Foucault (1999), em *Vigiar e Punir*, que se resume em um sistema de vigilância constante. Visto disso, é válido notarmos o viés interdisciplinar dos estudos filosóficos levantados, o que ampliará as discussões acerca de temas fundamentais para literatura e para a sociedade.

Palavras-chave: Gênero. Distopia. Margaret Atwood. *O conto da aia*.

Abstract:

As a topic that is currently in vogue, “dystopia”, as evidenced in one of Margaret Atwood's works — *The Handmaid's Tale* — is becoming increasingly popular. The author addresses issues of power and gender, which are frequent discussions nowadays, even though *O conto da aia* had its premiere in 1985. With this, we intend to add to our research gender studies, which will be, significantly, necessary for dealing with of repressions against women, which are explicit in the narrative and will be addressed with authors such as: Lola Aronovich (2019) and Djamila Ribeiro (2018), among others. Furthermore, we will approach power relations, using the concept of panoptism, a concept raised by Michel Foucault (1999), in *Discipline and Punish*, which is summarized in a system of constant surveillance. In view of this, it is worth noting the interdisciplinary bias of the philosophical studies raised, which will broaden the discussions about fundamental themes for literature and for society.

Key words: Gender. dystopia. Margaret Atwood. *The Handmaid's Tale*.

Introdução

¹ Mestranda do POSLLI, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade, da UEG – Câmpus Cora Coralina. E-mail: fernandacapparelli@hotmail.com.

² Mestrando do POSLLI, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade, da UEG – Câmpus Cora Coralina. E-mail: lucassilvarodrigues012@gmail.com.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

A obra *O conto da aia*, da literata Margaret Atwood, é uma distopia³ futurista concebida em 1985, que evidencia, de forma amplificada, a cultura machista que vem sendo disseminada, desde os primórdios, na sociedade. Nesse romance há a implantação de um regime, no qual as mulheres ficam reféns de ordens masculinas, pautadas na religião, com o intuito de dominar a população por meio de preceitos segregadores.

No contexto da obra há um golpe de estado, no qual a população dos Estados Unidos da América é submetida ao domínio de uma ditadura patriarcal. Nesse regime os privilegiados são os homens de alto *status*, chamados de comandantes, no entanto, seguindo a hierarquia patriarcal, aos outros homens não há nenhuma função de abuso e escravidão como é o caso das mulheres.

Na classificação das funções é designado às mulheres jovens e férteis o título de “aia”. Nesta função elas estão destinadas à procriação, já que nesse romance há uma grande porcentagem de mulheres inférteis⁴, devido a doenças ocasionadas por diversos fatores. As aias são identificadas pelas cores que usam – o vermelho. Portanto, na condição de aias, as mulheres são propriedades dos comandantes e são utilizadas como objetos sexuais, para fins de procriação, quando as esposas são “inférteis”.

Quanto ao restante das mulheres são designadas outras funções. Às Martas, por exemplo, é destinado o trabalho do lar, são mulheres inférteis, que se vestem de verde e têm habilidades domésticas. Há, também, as Econoesposas, são mulheres de homens de casta mais baixa, se vestem com roupas coloridas e são subalternas as ordens masculinas, desempenhando diversas funções. Já as “Tias”, que se vestem de marrom, são responsáveis por treinar e capacitar as aias para a função destinada, elas são mulheres rígidas e tentam induzir as aias a aceitarem e concordarem com a violência exercida sob os próprios corpos.

Enquanto isso, as mulheres dos comandantes, se vestem de azul e acreditam gozar de uma liberdade que, em alguns momentos, é questionada, já que tudo nesse regime favorece o masculino. Há ainda o caso das mulheres que esse regime não considera útil, por, de alguma

³ De acordo com Jerzy Szacki (1972, p. 119) nas utopias, sejam elas positivas ou negativas (distopias), há caracteristicamente extremos, de modo que há a idealização de um mundo completamente bom ou completamente mal.

⁴ A infertilidade feminina é abordada na obra, mas ao decorrer da narrativa é possível notar que muitos dos casos podem ser decorrentes da esterilidade dos comandantes. No entanto, essas ocorrências não são explicitadas nesse contexto, em razão do regime não permitir que o problema seja relacionado aos homens.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

forma, serem improdutivas — como mulheres velhas e mulheres que não conseguem desempenhar as funções impostas, entre outros. Nesses casos as mulheres são transportadas para as colônias, na onde elas realizam um trabalho degradante até a morte.

É notório, assim, que a dominação ocorre de forma constante nesse governo. Contudo, para que a dominação se perpetue, há um sistema de vigilância frequente, no qual, impulsionadas pelo medo, as próprias pessoas se vigiam e vigiam o outro, gerando um sistema semelhante ao panoptismo.

O panoptismo é um conceito abordado por Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, que se resume em um sistema de vigilância constante. Nesse sistema as pessoas são vigiadas incessantemente, cientes desse acontecimento, mas sem identificar o observador. Esta vigilância gera um disciplinamento das pessoas envolvidas, pois há um monitoramento permanente, referente ao comportamento dos indivíduos.

Para o desenvolvimento do conceito de panoptismo, Foucault se baseia em um sistema penitenciário, criado por Jeremy Bentham — o panóptico — que consiste em um sistema de vigilância constante, na qual apenas um, ou poucos vigilantes, observam os presos de um ponto central. Deste ponto de observação os detentos podem ser vigiados, mas não podem identificar o observador.

Sabemos que não é possível que milhares de presos sejam observados simultaneamente por poucos guardas (ou por apenas um), mas o medo de serem vigiados a todo momento se torna uma incerteza. Com isso, os próprios detentos se vigiam e não tentam fugir ou se rebelar.

Ao desenvolver o conceito arquitetônico de Bentham, Foucault expande o conceito de panóptico para a sociedade, como uma forma de disciplinar, controlar o comportamento dos indivíduos, fixar o poder de quem o detém e multiplicar a economia.

Diante disso, poderemos notar adiante que a detenção do poder, no romance de Atwood, é alimentada pelo regime patriarcal e segregador que se instaura em *O conto da aia*.

O feminismo na distopia de Atwood

As mulheres do regime de Gilead são sempre subordinadas a dominação masculina, até quanto as próprias vestimentas — que demarcam as funções designadas. No caso das aias a cor



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

que que as distingue é o “vermelho”, como narra a protagonista:

Eu me levanto da cadeira, avanço meus pés para a luz do sol, em seus sapatos vermelhos, sem salto para poupar a coluna e não para dançar. As luvas vermelhas estão sobre a cama. Pego-as, enfio-as em minhas mãos, dedo por dedo. Tudo, exceto a touca de grandes abas ao redor de minha cabeça, é vermelho: da cor do sangue, que nos define. A saia desce à altura de meus tornozelos, rodada, franzida e presa a um corpete de peitilho liso que se estende sobre os seios, as mangas são bem largas e franzidas. As toucas brancas também seguem o modelo padronizado; são destinadas a nos impedir de ver e também de sermos vistas. Nunca fiquei bem de vermelho, não é a minha cor. Apanho a cesta de compras e a enfio no braço (ATWOOD, 2017, p. 16).

O vermelho nesse contexto é carregado de significações, como, por exemplo, a referência ao sangue, que é descrita pela personagem. O sangue pode ser relacionado a diversos fatores, como a fertilidade que é representada pela menstruação, ou até mesmo pela fertilização que é procedida do parto. Além disso, segundo o dicionário de símbolos “[o] vermelho é o fogo, o sangue, o calor, o romance, a paixão, a juventude, a beleza e a emoção”⁵. Nesse sentido, o vermelho é relacionado a intensidade e a sedução, demarcando a impureza.

Destarte, as aias são associadas a imoralidade, como se o abuso do próprio corpo fosse responsabilidade delas, o que pode ser observado em um encontro com as Econoesposas, narrado pela protagonista: “Sob o véu, a primeira faz uma carranca para nós. Uma das outras se vira para o lado e cospe na calçada. As Econoesposas não gostam de nós” (ATWOOD, 2017, p. 56). Todavia, sabemos que as mulheres são forçadas a cederem o próprio corpo, caso contrário elas são enviadas para as colônias, onde estão destinadas à morte. Contudo, elas são julgadas pelas outras mulheres que não aceitam essa posição. Outro exemplo disso são as Martas. Na narrativa a personagem que é chamada de *Offred*⁶ se depara com uma fala crítica da marta “Rita”⁷ em relação as aias:

Ir para as Colônias, respondeu Rita. Elas têm essa escolha. Com as Não

⁵ Dicionário de Símbolos. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/vermelho/>. Acesso em: 25 de janeiro de 2022.

⁶ Junção da preposição *of*, da língua inglesa, com o nome do comandante — indicando posse.

⁷ A personagem Rita é uma das martas na casa do comandante de *Offred*.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

mulheres, e morrer de fome e Deus sabe o que mais?, disse Cora. Agora te peguei. Elas estavam descascando ervilhas; mesmo através da porta quase fechada eu podia ouvir o tilintar ligeiro das ervilhas caindo na tigela de metal. Ouvi Rita, um grunhido ou um suspiro, de protesto ou de concordância (ATWOOD, 2017, p. 18).

Com isso, percebemos que as mulheres são julgadas pelas próprias agressões cometidas a elas, como se elas fossem culpadas. O feminino, nesse governo, é sempre subalternizado, mesmo as mulheres dos comandantes — que apoiavam a implantação do regime — são prejudicadas, pois na constituição do modelo patriarcal as mulheres não têm autonomia. Serena Joy, por exemplo, a mulher do comandante de *Offred*, é apresentada, no romance, como uma mulher aparentemente infeliz, o que é descrito pela narradora ao refletir sobre ela:

Serena Joy nunca foi seu nome verdadeiro, nem mesmo naquela época. O nome dela era Pam. Li isso num perfil a respeito dela numa revista de notícias, muito depois de tê-la visto cantar na televisão enquanto minha mãe dormia em casa nas manhãs de domingo. Então, ela já merecia um perfil: foi na Time ou Newsweek, creio, deve ter sido. Naquela altura, ela já não cantava mais, estava fazendo discursos. Era boa oradora, sabia fazê-los. Seus discursos eram sobre a santidade do lar, sobre como as mulheres deveriam ficar em casa. Ela própria não fazia isso, em vez disso, Serena Joy fazia discursos, mas apresentava essa sua falha como um sacrifício que estava fazendo pelo bem de todos. Por volta daquela época, alguém tentou matá-la a tiros e errou; sua secretária, que estava parada bem atrás dela, foi morta em seu lugar. Alguma outra pessoa pôs uma bomba em seu carro, mas a bomba explodiu antes da hora. Embora algumas pessoas dissessem que ela havia posto a bomba em seu próprio carro, para conquistar simpatia. Era a esse ponto que os ânimos estavam se acirrando. Luke e eu costumávamos vê-la, de vez em quando, no último jornal da noite na televisão. De roupão e tomando um drinque antes de deitar. Observávamos seu cabelo duro de laquê e sua histeria, e as lágrimas que ela ainda conseguia produzir sempre que queria, e o rímel tingindo de negro suas faces. Àquela altura estava usando mais maquiagem. Achávamos que era engraçada. Ou Luke achava que era engraçada. Eu apenas fingia que achava. Na verdade ela era um pouco assustadora. Estava falando sério. *Ela não faz mais discursos. Tornou-se incapaz de falar.* Fica em casa, mas isso não parece lhe fazer bem. Como deve estar furiosa, agora que suas palavras foram levadas a sério. (ATWOOD, 2017, p. 58, grifo nosso).

Assim, podemos notar que a personagem Serena Joy/Pam, que defendia esse novo governo, também se tornou uma vítima dele, pois as mulheres não detêm o poder no modelo patriarcal, de modo que as mulheres são oprimidas de formas distintas. Como podemos



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

aprender com Djamilia Ribeiro (2018, p. 45), “o discurso universal é excludente, porque as mulheres são oprimidas de modos diferentes.” Neste fragmento a autora se refere a relações do feminismo negro, mas, a partir disso, podemos refletir também sobre a heterogeneidade feminina, a qual é explorada nos diversos modos de opressão na narrativa.

No mais, notamos que esse sistema utiliza estratégias para a dominação, como a argumentação pela religião. De acordo com Lola Aronovich (2019, p. 21), no prefácio de *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*,

[o] patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Como exemplo, foi por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres e que não deve ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho. Trata-se de algo visto de modo tão natural e instintivo, que sequer nos damos conta. Portanto, ler e falar sobre o patriarcado é desnaturalizar nossa existência, é reparar que existe um sistema estrutural que ainda mantém a hierarquia da sociedade.

Posto isso, percebemos que o sistema patriarcal se apoia nas crenças sociais para manter e propagar a dominação masculina, induzindo, assim, as próprias vítimas a propagarem o sistema opressor.

Pensando nisso, refletimos ainda sobre questão da vigilância constante, a qual fortalece e mantém o sistema dominante. No regime que se instaura em *O conto da aia* as pessoas são vigiadas frequentemente para não burlarem as regras e não se rebelarem contra os detentores do poder. Assim, elas não sabem, efetivamente, quando estão sendo observadas e se podem confiar em alguém.

Dessa forma, o sistema estabelecido se aproxima das discussões de Foucault, que ao explorar o conceito de panóptico — se configurando, inicialmente, como um modelo penitenciário — afirma que o principal efeito desse modelo é

induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores (FOUCAULT, 1999, p. 224-5).

Portanto, podemos compreender, trazendo esse modelo de vigilância para o contexto do romance, que, pelo medo de serem vigiadas, as próprias pessoas acabam se vigiando, gerando assim uma dominação contínua e eficaz para os detentores do poder. Essa dominação gera um disciplinamento dos indivíduos envolvidos, assim como ocorre no desenvolvimento do panoptismo.

Nesse modelo, os detentores do poder não aceitam outra verdade diferente da deles, ou seja, “estão sempre certos”. No caso do romance esse domínio é dos comandantes, os quais se aproveitam de preceitos religiosos para usar o sistema a favor deles — implantando ideais segregadores e autoritários. Desse modo, podemos ver, mais uma vez, uma representação do modelo desenvolvido por Foucault: o panoptismo, que difundido nas diversas esferas sociais, tem a função de delimitar o comportamento dos indivíduos por meio do medo, frequente, de serem vigiados.

Logo, para que o sistema prevaleça, assim como ocorre no panoptismo, é necessário “[m]odificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos” (FOUCAULT, 1999, p. 227). Ou seja, é necessário manipular os envolvidos para alimentar esse sistema, como ocorre na narrativa distópica de Atwood, na qual as pessoas são impulsionadas pelo medo de estarem sendo observadas e, conseqüentemente, acabam se policiando, vigiando uns aos outros e fortalecendo o regime dominante.

Considerações finais

A narrativa *O conto da aia* representa a inconstância de conquistas femininas diante de uma sociedade culturalmente patriarcal. Após um golpe de estado, os avanços femininos perante a desigualdade social – no que diz respeito aos gêneros – se mostram instáveis, dando lugar a conceitos ultrapassados, nos quais a mulher é frequentemente subalternizada.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Os direitos das mulheres, que vêm sendo conquistados há anos, por meio de lutas constantes, são tidos como irrelevantes na narrativa em questão. A mulher passa a ter funções, constantemente, subordinadas aos homens, até mesmo as de alto poder aquisitivo. Esse condicionamento é pautado por interpretações religiosas arcaicas, que são tidas como uma representação precisa da “retidão”. Enquanto isso, apenas os homens são favorecidos, principalmente os de alto poder aquisitivo, pois o sistema foi idealizado para contemplar, beneficentemente, apenas eles. No entanto, houve uma articulação desse regime, com a tentativa de coagir a população, utilizando o medo dessas pessoas como determinante principal para a crença de que o sistema implantado era benéfico e justo a todos.

Assim, notamos que há uma frequente persuasão da população, na qual até as próprias vítimas passam a contribuir com o sistema ditador. Essa relação opressora, tratada no romance de Margaret Atwood, é reflexo de uma parcela social, que ainda na atualidade, tenta anular os direitos conquistados pelas mulheres. O romance explora de forma distópica uma lamentável realidade.

Referências

ARONOVICH, Lola. Prefácio. In: LERNER, Gerdar. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Sellera. Editora Cultrix: São Paulo, 2019.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

FOUCAULT, M. O panoptismo. In: **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Tradução de Raquel Ramallete. Editora Vozes: Petrópolis, 1999.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SZACKI, Jerzy. **As Utopias ou A Felicidade Imaginada**. Tradução de Ruben César Fernandes. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972.